

As palavras de Bashevis-Singer

(ao receber o Prêmio Nobel)

Tradução de MARGARIDA GOLDSTEIN e JACÓ GUINSBURG

(ISAAC BASHEVIS-SINGER INICIOU A ORAÇÃO EM ÍDICHE COM O QUE SEGUE)

A grande honra concedida a mim pela Academia Sueca é também um reconhecimento da língua ídiche – uma língua do exílio, sem pátria, sem fronteiras, não apoiada por qualquer governo, uma língua que não possui palavras para armas, munições, exercícios militares, tática de guerra; uma língua que foi desprezada tanto pelos não-judeus quanto pelos judeus emancipados. A verdade é que o que as grandes religiões pregavam, os habitantes do gueto, que falavam ídiche, praticavam diariamente. Eles eram o povo do Livro no mais verdadeiro sentido da palavra. Não conheciam maior alegria do que o estudo do homem e das relações humanas, que chamavam de Torá, Talmud, Mussar, Cabala. O gueto não era apenas um lugar de refúgio para uma minoria perseguida, porém uma grande experiência de paz, autodisciplina e humanismo. Como tal, um resíduo seu ainda subsiste e recusa-se a desistir, apesar de toda a brutalidade que o cerca.

Fui criado entre essa gente, a casa de meu pai na rua *Krochmalna*, em Varsóvia, era uma casa de estudo, uma corte de justiça, uma casa de oração, onde se contavam histórias, bem como um lugar para casamentos e banquetes hassídicos. Quando criança ouvi de meu irmão mais velho e mentor, I. J. Singer, que mais tarde escreveu *Os Irmãos Ashkenazi*, todos os argumentos que os racionalistas, de Spinoza a Max Nordau, apresentaram contra a religião. Ouvi de meu pai e de minha mãe todas as respostas que a fé em Deus poderia oferecer àqueles que buscam a verdade. Em nosso lar, e em muitos outros, as questões eternas eram muito mais atuais do que as últimas notícias do jornal ídiche. Apesar de todos os desencantos e todo o meu ceticismo, acredito que as nações podem aprender muito desse judeus, de seu modo de pensar, da maneira como educam seus filhos, de sua capacidade de encontrar felicidade lá onde outros só vêem miséria e humilhação.

Para mim, a língua ídiche e o comportamento daqueles que a falam são idênticos. Podemos encontrar na língua ídiche e no seu estilo expressões de poderoso regozijo, anseio ardente pela vida, aspiração pelo Messias, paciência e profundo apreço pela individualidade humana. Há um humor íntimo em ídiche, e uma gratidão por cada dia de vida, cada migalha de êxito, cada encontro de amor. A mentalidade ídiche não é arrogante, não assume a vitória como garantia. Ela não demanda nem comanda, mas chega a seu alvo, se insinua, se transpõe por entre os poderes da destruição, sabendo em algum lugar que o plano de Deus para a Criação ainda está no seu começo.

Alguns chamam o ídiche de uma língua morta, mas chamaram também assim o hebraico durante dois mil anos. Ele reviveu em nossa época de forma extraordinária e

GLOSSÁRIO

Beit ha-midrash: casa de estudo. Denominação dada ao local em que os judeus se dedicavam ao estudo dos textos religiosos e à própria sinagoga.

Cabalá: tradição. Designação geral das especulações e das formulações místicas judaicas.

Elul: sexto mês judaico, entre os meses de agosto e setembro.

Eretz Israel: Terra de Israel.

Filactérios (hebr. **Tefilin**): tiras estreitas de pele ou pergaminho, com inscrições de textos da Escritura, que os fiéis enrolam no braço e na cabeça para a proferição e os serviços rituais.

Halitzá: cinto, cinturão. Designação da cerimônia em que a viúva sem filhos tira o sapato ou sandália do cunhado, desobrigando-se do levirato (obrigação de casar com o irmão do marido).

Havdalá: separação; bênção recitada ao término do **shabat** e dias festivos para acentuar a separação entre o sagrado e o cotidiano.

Heder: quarto, câmara. Denominação, no ensino tradicional judaico, da escola de primeiras letras e de iniciação nos livros e na interpretação dos ensinamentos da Torá.

Lilit: rainha dos demônios, diaba da luxúria.

Mezuzat (plural de **Mezuzá**): amuleto que consiste em pequeno rolo com duas passagens do **Deuteronômio** (6:4-9 e 11:13-21) que é fixado no batente do lado direito das portas.

Rabi: meu mestre.

Rabino (hebr. **Rabeinu**): nosso mestre. Como o anterior, forma de tratamento dispensada a mestres e chefes da comunidade judaica. Traduz também o **rav**, o “cabeça” religioso e legal, oficialmente investido da função pela congregação de judeus e ordenado como tal pelo direito talmúdico.

Scheidim (plural): demônios, espíritos do mal.

Sefardi: judeu espanhol ou português e, por extensão, os judeus desta origem.

Tzadikim (plural): **Tzadik**, justo, santo. Rabi hassídico.

quase miraculosa. O aramaico foi certamente uma língua morta durante séculos, mas então trouxe à luz o Zohar, uma obra mística de sublime valor. É fato que os clássicos da literatura fíche são também os clássicos da literatura hebraica moderna. O fíche ainda não disse a sua última palavra. Ele contém tesouros ainda não revelados aos olhos do mundo. Foi a língua de mártires e santos, de sonhadores e cabalistas – rica em humor e em memórias que a humanidade talvez não possa jamais esquecer. De um modo figurativo, o fíche é a língua sensata e humilde de todos nós, o idioma de uma humanidade amedrontada e esperançosa.

(PROSEGUIU EM INGLÊS)

O contador de histórias e o poeta de nossa época, como em qualquer outra época, deve ser um *entertainer* do espírito no amplo sentido da palavra, e não apenas um pregador de ideais sociais ou políticos. Não há um paraíso para leitores aborrecidos e nenhuma desculpa para uma literatura tediosa que não intrigue o leitor, enalteça o seu espírito, lhe dê alegria e a fuga que a verdadeira arte sempre oferece. Entretanto, também é verdade que o escritor sério em nossos dias deve estar profundamente preocupado com os problemas da sua geração. Ele não pode deixar de ver que o poder da religião, especialmente a crença na redenção é mais fraco hoje do que em qualquer outra época da história da humanidade. Mais e mais crianças crescem sem ter fé em Deus, sem acreditar na recompensa e na punição, na imortalidade da alma e mesmo na validade da ética. O escritor autêntico não pode ignorar o fato de que a família está perdendo seu fundamento espiritual. Todas as sombrias profecias de Oswald Spengler tornaram-se realidade desde a Segunda Guerra Mundial. Nenhum avanço tecnológico pode mitigar o desengano do homem moderno, sua solidão, seu sentimento de inferioridade e seu medo da guerra, da revolução e do terror. Nossa geração não apenas perdeu a fé na Providência, mas também no próprio homem, em suas instituições e, com frequência, naqueles que lhe são mais próximos.

No seu desespero, alguns dos que não mais têm confiança na liderança de nossa sociedade voltam-se para o escritor, o mestre das palavras. Eles esperam com desespero que o homem de talento e sensibilidade possa talvez salvar a civilização. Quem sabe existe, no fim das contas, uma centelha do profeta no artista.

Como filho de um povo que recebeu os piores golpes que a loucura humana pode infligir, muitas vezes resignei-me a jamais encontrar uma verdadeira saída. Uma nova esperança, porém, emerge, dizendo-me que ainda não é tarde demais para que todos nós avaliemos as possibilidades e tomemos uma decisão. Fui educado para acreditar no livre-arbítrio. Embora tenha vindo a duvidar de toda revelação, nunca poderei aceitar a idéia de que o universo é um acidente físico ou químico, o resultado de uma cega evolução. Embora haja aprendido a reconhecer as mentiras, os clichês, e as idolatrias da mente humana, ainda me apego a algumas verdades, as quais, penso eu, todos nós poderemos aceitar algum dia. Deve haver um modo para que o homem alcance todos os possíveis prazeres, todos os poderes e conhecimentos que a natureza pode oferecer-lhe, e ainda servir a Deus – um Deus que fala por meio de ações, não de palavras, e cujo vocabulário é o universo.

Não me envergonho de admitir que faço parte daqueles que fantasiam ser a literatura capaz de trazer novos horizontes e novas perspectivas – filosóficas, religiosas, estéticas e até mesmo sociais. Na história da antiga literatura judaica nunca houve qualquer diferença básica entre o poeta e o profeta. Nossa antiga poesia amiúde transformou-se em lei e em estilo de vida.

Alguns dos meus amigos da “cafeteria” perto do *Jewish Daily Forward* em Nova York chamam-me de pessimista e decadente, mas sempre existe um fundo de fé na resignação. Encontrei reconforto em pessimistas e decadentes tais como Baudelaire, Verlaine, Edgar Allan Poe e Strindberg. Meu interesse na pesquisa psíquica fez-me encontrar consolo em místicos tais como em vosso Swedenborg e em nosso Rabi Nachman Bratzlaver, bem como em um grande poeta contemporâneo, meu amigo Aaron Zeitlin, que morreu há alguns anos e deixou um legado espiritual de alta qualidade, a maior parte do qual em fíche.

O pessimismo da poesia criativa não é decadência, mas uma poderosa paixão pela redenção do homem. Enquanto entretém, o poeta continua a buscar verdades eternas, a essência da existência. Ao seu próprio modo, tenta resolver o enigma do tempo e mudança, achar uma resposta ao sofrimento, revelar o amor no próprio abismo da crueldade e da injustiça. Estranhas como possam soar estas palavras, eu frequentemente brinco com a idéia de que, quando todas as teorias sociais entrarem em colapso e as guerras e revoluções deixarem a humanidade em estado de desalento total, o poeta – a quem Platão banuiu de sua República – pode ressurgir e nos salvar a todos.